

# A Tradução Literária

Tania Franco Carvalho

Toda tradução literária é um ato criativo. Trata-se de transferir para uma determinada (e contemporânea) tradição literária uma obra escrita em outra língua e, muitas vezes, em outro tempo. Essa transposição, que é em si mesma contextual, é também uma prática de produção textual, paralela à própria criação literária. Não é por acaso que Haroldo de Campos refira-se à tradução como "transcrição" e que Octavio Paz, em *Traducción: literatura y literalidad* (1971), escreva que "a criação poética e a tradução são operações gêmeas".

É certo que há distinções entre ambas as atividades. O próprio Octavio Paz não as desconhece, dizendo que "o poeta, ao escrever, não sabe como será seu poema; ao traduzir, o tradutor sabe que seu poema deverá reproduzir o poema que tem diante dos olhos".<sup>1</sup> São, na verdade, atividades paralelas que correm em sentido inverso: a criação livre não delimita seu início, embora tenha de enfrentar em seu curso uma série de parâmetros dados pelo gênero ou pela tonalidade escolhida; a tradução sabe sempre onde deve iniciar, isto é, pela leitura do texto que escolheu transpor.

Apesar dessa diferença capital, a literatura e a tradução literária são práticas que podem esclarecer uma a outra. Se o tradutor tem um ponto de referência preciso e delimitado para o seu trabalho, igualmente o escritor não parte do nada, ele tem atrás de si (e a seu lado) uma série de referenciais (literários e não-literários) que ele redimensiona de modo particular. Não se trata de imitação, na acepção pejorativa do termo, mas de apropriações várias, de adesões a tendências expressivas que poderiam ser consideradas como outras modalidades de "traduções".

Os elementos envolvidos nesse processo criativo: apropriações, transposições, deformações são comuns a ambas as práticas como também, num sentido lato, o ato da leitura será ainda uma tradução, pois que ler é transferir, reconhecendo uma alteridade.

A coincidência entre essas práticas literárias nos dizem que a tradução não pertence apenas ao estudo da recepção de um autor ou de uma obra em determinada literatura mas ao próprio estudo da literatura.

---

Tania Franco Carvalho é professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>1</sup>PAZ, Octavio. Op.cit. Barcelona, Tusquets Ed, 1971, p.16.

Não há dúvida de que a tradução alimenta a criação literária. Isso ocorre tanto na perspectiva de que as traduções literárias enriquecem os sistemas que integram como também o trabalho individual do escritor. André Gide dizia que todo escritor deveria traduzir pelo menos uma obra de literatura estrangeira para sua própria literatura, uma obra com a qual seu talento e seu temperamento tivessem particular afinidade, com o objetivo de enriquecer o sistema literário a que pertence. Octavio Paz se refere a "uma contínua e mútua fecundação" entre escritor e obra traduzida, citando os casos de Baudelaire e de Pound.

Recentemente, ao me ocupar da obra poética de Theodemiro Tostes<sup>2</sup> poeta sul-rio-grandense da geração de 20 que traduziu vários poetas de diferentes nacionalidades, constatei o quanto a atividade do tradutor está relacionada com a produção criativa pessoal. Percebi que o ato de traduzir era para Tostes um estímulo à sua produtividade poética, constituindo-se, então, em duplo exercício: de reflexão crítica e de criação livre. Muitos dos poemas da última fase do autor são simultâneos das traduções que realizou. Tostes não adotava "a maneira" do poeta traduzido. Não se tratava, pois, de caso de "contágio" ou de reprodução. Mas elaborava seu poema como um diálogo intertextual no qual a intervenção do texto do outro se faz presente. Isso comprova como a experiência de transpor determinado autor o levava a entender melhor sua obra e a impregnar-se do universo poético do outro.

Exemplar, neste sentido, é o poema "Canto a Leopardi", texto que recupera referenciais da obra do poeta italiano, originando mesmo certos neologismos. O caso é ilustrativo: após haver traduzido vários textos de Leopardi, Theodemiro Tostes recupera (re-traduz) em seu próprio poema sentimentos de que o poeta traduzido se fazia o intérprete: certa desilusão diante do mundo adverso do qual se despede com amargor. Tostes constrói um eu lírico consolador ao imaginar seu encontro com Leopardi.

"Meu bom Leopardi, amigo, aqui me sento  
a conversar contigo. A noite é longa

A intimidade fica estabelecida desde o início do poema e é com intuito ainda consolador (e crítico) que o poeta dirá, a meio do poema:

"Funesta é a voz que não encontra o eco  
da confidência, a voz que é uma pergunta,  
uma pergunta longa, uma pergunta  
sem ressonância, que infável paira  
entre o palor da lua e o humano ansio."

<sup>2</sup> TOSTES, Theodemiro. *Obra Poética*. Porto Alegre, Fundação Paulo do Couto e Silva, 1988.

Por isso, o diálogo se impõe e o jogo intertextual refaz o ato da leitura e libera a imaginação.

"Ó poeta amado,  
vejo teus olhos nas estrelas, sinto  
na palidez da lua o teu semblante.  
Mas a noite vai longa e a tua noite  
também é longa.

Velho amigo, dorme  
embalado na acerba melodia  
que amor e morte alternam no teu canto."

Se considerarmos que um dos textos traduzidos por Theodemiro Tostes é o poema "A si mesmo" no qual Leopardi dirige-se a seu próprio coração como a despedir-se da vida, dizendo,

"Descansa, pois, esquece  
Pela última vez. O nosso fado  
É morrer, nada mais. Então despreza  
Tu, a existência, o mudo  
Poder que, oculto, contra nós impera,  
E a infinita vaidade disso tudo"<sup>3</sup>

é possível constatar que a atuação do tradutor é a de um leitor crítico e que a tarefa da tradução é sempre um procedimento hermenêutico. Há que interpretar para compreender, pois traduzir significa entender o texto original em todas suas modulações significativas. Acima das palavras correspondentes é preciso transpor intenções para que o poema possa ter, na nova linguagem, o equivalente impacto.

Cabe dizer que Theodemiro Tostes não era adepto da tradução "literal". Para ele, muitas vezes, a tradução era uma forma de "perversão", como anota na tradução de "Um Lance de Dados", de Mallarmé. Parecia acompanhar Paul Claudel quando este fala da tradução como uma "transsubstantiation".<sup>4</sup> Sua tarefa era, antes de tudo, interpretativa. Tratava-se de transpor não apenas o sentido mas a forma desse sentido.

<sup>3</sup> Trecho de texto traduzido por Theodemiro Tostes em 27.10.64 a ser incluído em volume sobre suas traduções, em preparo.

<sup>4</sup> Apud. GARBAGNATI, Lucile. In: Claudel et l'auto-translation. *Actes* do XVI<sup>ème</sup> Congrès do SFLGC, Montpellier III, 1980.

Toda tradução literária é uma das possíveis versões de um texto original. Assim sendo um texto novo é ainda o texto anterior. Dito de outro modo: é a realização de uma possibilidade de ser do texto original que a tradução se encarrega de concretizar. Desta forma, o texto traduzido espelha constantemente o anterior e se converte em seu "outro".

Nesse contexto, a questão fundamental proposta pela tradução literária é a da alteridade e não a da identidade. Não cabe ao texto traduzido ser idêntico, como reprodução fiel do texto primeiro mas deve ser a concretização de uma das possibilidades que aquele determinado texto tinha de ser. Poderíamos dizer, então, que cada texto traz em si as suas prováveis traduções.

A tradução é assim uma das leituras possíveis do texto, a realização de suas potencialidades. Por isso estamos no terreno da dialética do mesmo e do outro. Podemos pensar que todo texto traduzido é um texto reescrito mas é também um texto a reescrever, pois ele permitirá sempre outras versões. Nisto, a meu ver, reside a riqueza do procedimento da tradução literária, a de tornar real a potencialidade que o texto original tem de ser outro.

Ao ser traduzido, o texto encontra uma outra forma de ser, uma nova *Gestalt* que não o altera mas, ao contrário, o enriquece. Traduzido, por vezes o texto tem uma fortuna crítica em outras literaturas que se assemelha ou supera seu destino na literatura original. É o caso, por exemplo, do *Rubaiyyat*, traduzido por Edward FitzGerald, dando em língua inglesa uma ressonância que um obscuro poeta persa não poderia supor receber no mundo inteiro.

A tradução de Khayyam por FitzGerald redundou de importância para o desenvolvimento da poesia em língua inglesa, orientando-a, em certo momento, numa determinada direção. Sabemos que as traduções constituem um setor importante das trocas culturais. Em texto recente, Yves Chevrel anota que "traduzir, editar uma tradução, não significa apenas se ocupar com uma operação de natureza lingüística, é também tomar uma decisão que põe em jogo um equilíbrio cultural e social".<sup>5</sup>

Há traduções que integram naturalmente o texto traduzido na tradição literária do sistema que o acolhe. É o caso ainda de trabalho de FitzGerald do qual Charles Eliot Norton destacou "the poetic transfusion of a poetic spirit from one language to another, and the representation of the ideas and images of the original in a form not altogether diverse from their own, but perfectly adapted to the new conditions of time, place, custom, and habit of mind in which they reappear".<sup>6</sup>

É possível que a habilidade de FitzGerald em transpor os epigramas do poeta persa, ao dar-lhe uma nova vida em diferente contexto, tenha logrado mais do que as versões de Robert Graves e Omar Ali-Shah, bem menos conhecidas. De

<sup>5</sup>CHEVREL, Yves. *La littérature comparée*. Paris, PUF, 1989. p.18-9.

<sup>6</sup>Citado por Horst Frenz. In: *The Art of Translation. Comparative Literature: Method and Perspective*. Southern Illinois Press, 1971.

qualquer forma são todas possibilidades que aquele texto continha em si e passíveis de formulação.

Vista assim, a tradução é um procedimento que permite ao texto sempre uma nova versão, um novo destino junto a leitores inicialmente não previstos, uma transposição no tempo e no espaço que lhe assegura o prolongamento. O texto traduzido é ainda o mesmo e já é outro. Daí a intervenção, no processo realizado, do componente invenção/re-criação. Traduzir é, portanto, recriar numa operação que transporta as intenções primeiras, fazendo-as ressurgir com vitalidade no novo código que a abriga.

Nesse sentido, o texto traduzido pode ser visto como material literário na medida em que se constitui também num esforço criativo.

## TRADUÇÃO E LITERATURA COMPARADA

As traduções têm sido insuficientemente estudadas como textos literários. Em geral, são vistas como "intermediários", elementos importantes nas trocas culturais. É com esse significado que se torna uma questão substantiva dos estudos comparativistas, muitas vezes relacionada com a noção de influência.

Sabe-se que, mesmo que vários leitores possam ler uma obra no original, o texto não integra o sistema literário enquanto não for traduzido, enquanto uma forma apropriada ou uma dicção própria não for alcançada na tradição que passa a integrar. Assim, a tradução tem um papel decisivo na transmissão das influências literárias. Frequentemente, a obra traduzida é que diretamente ecoa nos leitores e não o original. Além disso, a boa tradução traz sempre alguma coisa de novo para o sistema literário e aí funciona nem sempre do mesmo modo do que na literatura original.

Por isso, os diferentes aspectos que acompanham uma tradução literária são relevantes para o estudo da recepção de uma determinada obra nas diferentes literaturas.

Quando o texto é traduzido pela primeira vez, um certo aparato crítico acompanha a tradução. Geralmente, o próprio tradutor ou algum crítico explicam por que o livro foi traduzido e mesmo como o foi. Nesse contexto, a crítica literária que avalia a tradução feita é igualmente importante. Ela tem uma função decisiva na recepção de um dado texto, situando os leitores com relação ao autor, à literatura de origem e preparando o terreno para sua adequada leitura. Assim, a análise comparativa do material que acompanha uma tradução torna-se útil para conferir as flutuações da imagem de um escritor ou de uma obra e, eventualmente, identificar as causas dessa flutuação. Todo esse material permite ainda que sejam avaliadas as modificações introduzidas por determinado texto traduzido em uma dada tradição literária.<sup>7</sup>

<sup>7</sup>Veja-se a respeito *Précis de Littérature Comparée* - de Pierre Brunel e Yves Chevrel, Paris PUF, 1989, em particular "Le texte étranger: la littérature traduite", p. 57-83.

Por outro lado, as críticas surgidas por ocasião de uma tradução possibilitam que seja maior o conhecimento que teremos não só do autor e da literatura a que ele originalmente pertence mas da literatura que o acolhe.

Saber, por exemplo, como Kafka penetrou na literatura francesa através de traduções parciais de seus textos e os primeiros comentários surgidos podem esclarecer não somente a obra em si mas, particularmente, a situação, na época, da literatura que o acolhia.<sup>8</sup>

Deste modo, os ângulos de observação são múltiplos: examina-se a obra traduzida mas também a literatura a que pertence (a sua fonte) e a literatura que vai integrar. A ênfase recai não apenas no objeto recebido mas no sistema receptor.

Tais estudos são decisivos para a historiografia literária, fornecendo-lhe dados para sua organização. A questão da recepção literária e da representação do outro (do estrangeiro, "imagologia") não podem ser estudadas em separado. As questões que se impõem são ainda de *como* e *por que* o texto foi traduzido, que lugar ele passa a ocupar no novo sistema literário, que modificações ele aí introduz.

Considerados esses aspectos, a obra literária traduzida passa a ter um tratamento crítico semelhante ao atribuído às obras literárias originais, equivalendo-se a elas no exame das alterações por que passa um dado sistema literário, como ele se constitui em tradição, em avanços e retrocessos, em continuidade e rupturas.

---

<sup>8</sup> CARVALHAL, T.F. In "F.Kafka e a literatura francesa". *A realidade em Kafka*. Porto Alegre, Movimento, 1973. p. 13-41.